

ECOS DE CACIA

REDACÇÃO (Em Lisboa)
Anibal Cruz

Representantes em Lisboa, F. da Foz, Aveiro, Fermentelos, Eixo, Q. do Gato, Bonsucesso, Esqueira, Matadugos, Avanca, Estarreja, Canelas e Angeja.

SEMANÁRIO INDEPENDENTE, DEFENSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

Fundador: J. J. NUNES DA SILVA

ASSINATURA

Ano, série de 50 números 20\$00
Semestre, série de 25 números 10\$00
Estrangeiro, ano 50 números 50\$00
Brasil e Colonias 30\$00

Director-Proprietário e Administrador

José Marques Damião

Filiado no SINDICATO DA P. IMPRENSA
E I. REGIONAL

Redactor e Editor

Abilio de Carvalho

O MAIS DESENVOLVIDO NOTICIÁRIO
DE TODAS AS TERRAS DA REGIÃO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Rua da Paz--**QUINTÃ DE LOUREIRO**
(CACIA)

Não se aceitam originaes contra a vida particular
de qualquer individuo

NOVOS HORIZONTES! CACIQUISMO

Remansadamente se desfazem as núvens acasteladas sob o céu de Espanha. Um vago rumor perpassa no ambiente sufocado da república portuguesa vindo das bandas do Nascente!...

... E o nosso povo, como que acordando dum profundo letargo que o vêm de prostrar de há séculos, alheado de tudo quanto de belo, perfeito, grande se tem construído no Mundo quer no campo político social quer no científico, abre os olhos, apresta a sua sensibilidade e vibra de emoção, seguindo par-e-passo as variantes da caprichosa política na nação nossa vizinha.

E, bem haja o povo que abre os olhos, apresta o sentir e raciocina — porque assim fazendo deixará de ser o eterno carneiro todos os anos tosquiado, indiferente ao destino que dão à pobre farpela que o resguardava das inclemências do tempo e que tão inclementemente lhe arrancam à pele.

Bem haja o povo que assim vai adquirindo consciência cívica, que assim se vai distanciando do reino animal lançando mão dos Direitos por que os Idealistas tem batido num desinteresse que tornou grande o seu esforço!

O povo vai abrindo os olhos, alargando o âmbito em que a sua cerebração atua. Quere defender o que pelo seu trabalho conquistou, e o que a Única Lei lhe não regateia — o Direito à vida. Quere ser ouvido nas suas reclamações, quere enfim, deixar duma vez para sempre, de ser o desprezível capacho de todos os ambiciosos, a escada de todos os miseráveis a quem a ignorância dele convinha.

Não! Não! — grita o povo ao despertar do profundo letargo em que caíra após o pontapé que lhe deram na divisão da sociedade.

Não! — grita o povo. Por isso ele fixa o olhar, prescrutante, ansioso no Nascente!...

Diz-lhe o coração amigo que qualquer coisa de Novo, de Grande — tão grande que os cérebros amesquinados dos seus patricios não apercebem — vêm a resurgir por sobre montões e montões de cadáveres, por sobre mil iniqüidades, por sobre tantas

mentiras, misérias sem número, caixões de fome, criminosos cofres de ambições, de ambições desmedidas que foram as causadoras directas de muitos crimes, de muitas desgraças! Qualquer coisa de Grande, de Magestoso — facho medonho a fender as seculares trevas que nos envolvem, nos acabrunham, nos desalentam, nos roubam o viço da Vida, a Esperança em melhores dias, o gosto, o prazer, essa humana felicidade que não pode existir quando num lar falta o pão!

O povo sente o ressurgir por sobre os pináculos da serra da Gata do stoico espírito ibérico como que a indicar aos pastores da nossa Serra da Estrêla o caminho a seguir...

... E, um nobre descendente do pastor Viriato ha de levantar-se a empunhar o facho, ha de erguer-se da prostração miserável a que se abandonou para, qual alado cavaleiro, percorrer sem demora os quatro cantos da velha e apodrecida Lusitânia na humaníssima missão de ir rasgando as trevas que nos amedrontam, nos não deixam ver a Verdade!

A História repete-se — disseram-me aqueles que me deram os princípios basilares em que assenta a minha cultura.

E é verdade!

O governo espanhol, temendo que a revolta obreiro-camponesa na Andaluzia se generalize ou tome proporções que amedronte o Exército, decidiu mesmo sem a consulta parlamentar, decretar a Reforma Agrária.

Assim, da terra expropriada aos grandes proprietários, conta o governo beneficiar 75.000 famílias com faixas de terreno de 5 a 15 hectares.

Esta medida é defendida pelos socialistas e radicais tendo obtido nos últimos dias uma atmosfera política muito favorável.

Não se compreenderia uma tal lei agrária numa região como a nossa em que não existem proprietários, mas sim pequenos agricultores; mas já era de aciejar na região alentejana onde a terra se encontra por dividir.

Ezequiel de Campos da

Seara Nova possui um trabalho neste género adaptável a Portugal, trabalho-estudo este que resolvia a questão no Alentejo, transformando as enormes charnecas da baixa região alentejana em preciosíssimos celeiros de trigo.

Ora estando o Alentejo na mão dum reduzido número de proprietários, não sentem estes necessidade de lhe aproveitarem todos os cantinhos, verificando-se lezírias e lezírias enormes de terreno a "monte" num imperdoável desprezo pela riqueza pública, num criminoso desdém pelo pão do trabalhador rural que ali fenece à míngua, que ali se estiola mesmo quando trabalha pois proprietário há que chega a pagar a cada um dos angariadores da sua fortuna a irrizória jorna de 7\$00!

E' preciso abrir fundos sulcos na terra brava do Alentejo, rasgar as entranhas da terra-mãe para ela poder afastar dos nossos sítios o negro espectro da Fome, para acabarmos duma vês para sempre com as tristes legiões de esfaimados que, em todos os invernos-se formam ao longo das herdades a pedir um pedaço de pão àqueles para quem trabalharam nas quadras do arroteio, da sementeira e da colheita.

Isto é lá admissível!?

As necessidades do mundo de hoje são bem diferentes das de ontem.

Para defendermos os interesses de um não podemos ofender os interesses de milhares.

O Bem Público deve erguer-se por sobre o egoísmo deste ou daquele.

Quem assim não pensar erra, e do seu erro graves e tremendíssimas consequências buscará.

EDON.

Agressão bárbara

No dia 18 do corrente Manuel Ferreira dos Santos, tanoeiro, de Sarrazola, agrediu barbaramente a menor Angelina Marques da Silva filha de Antonio Serrador. A agredida encontra-se muito mal.

Dr. Armando B. Simões
Regressou a casa de seus pais em Cacia, em goso de férias, o nosso amigo sr. dr. Armando Rodrigues Simões.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

MISÉRIAS DA POLÍTICA DE ALDEIA

E' preciso não deixarmos o campo aberto ao caciquismo aldeão.

Revolta uma consciência livre o impudor dos politiquieiros baratos que pretendem ressuscitar nas aldeias os actos condenáveis dos antigos políticos que a mentalidade de hoje não tolera.

E ainda mais nos revolta o impudor com que se accusam quando é certo que os erros duns são os males dos parceiros.

Como está abandonado na aldeia o ideal político!!

Coitados... sabem lá eles o que é a Política!?

Bárbaros existem que usam a gravata vermelha e são mais retrógrados que os seus adversários! Mais caciques que os velhos caciques...

Não mintam, por piedade. Digam-se abertamente politiquieiros, mas não enxovalhem o ideal republicano, dizendo-se republicanos, porque é mentira, porque não sois republicanos, porque nunca fostes republicanos.

— Vós sois apenas politiquieiros, politiquieiros baratos, daqueles que, entre gente, passariam a ser os carneiros, os últimos carneiros, os do fim do rebanho...

"Vós sois apenas os caciques que exploram a ingenuidade aldeã, em defesa dos vossos interesses, dos vossos interesses parideiros de outros interesses.

"Vós sois os maus reclamistas duma idéa de que vos servistes para melhor vos "arranjar", como todos vemos. Dizei-nos o que possueis antes da República, onde estava a fortuna que hoje sustentais. Dizei, dizei porque nós ainda queremos saber o resto..."

Para nós, os republicanos de barriga não passam duns perigosos embusteiros.

— A' mesa do orçamento estivestes, mas nas plagas africanas mirrando-vos sob a mortal acção do sol dos trópicos não nos foi dado vê-los... — tristes e pezarosos mordendo o pó que baila na atmosfera, vencido ao peso da nostalgia, a construir mentalmente as imagens dos entes queridos!...

"Vós não sois republicanos porque, para vos acreditar, os actos da vossa vida seriam norteados por um espí-

rito de justiça, porque não ajudaríeis a aumentar o orçamento do Estado Republicano, porque não usariéis do dinheiro do Estado como arma política, porque não lançariéis mão de tristes expedientes para roubar os votos do vosso adversário.

Andais a dormir na forma. A República não necessita dos vossos serviços. A República está-se remoçando e mal iria se ainda necessitasse de tão maus servidores para viver. Porque vós só a desacreditais, e, com os vossos actos o povo convencer-se-á de que são tão bons uns como os outros... O povo vai pelo seu pé às urnas, e votará segundo o ditame da sua consciência.

Não queremos sancionar os vossos processos.

— Conquanto este jornal não tenha política sente, todavia, o imperioso dever de defender o povo das artimanhas dos politiquieiros... e assim denunciara abertamente qualquer "habilidade política" parta donde partir.

Não é indo a um Manuel António ou a um António Couto buzinar mentiras ao ouvido, na mira de arranjar dois simplíssimos votos que se trabalha pela República, que se engrandece a República. Isso é desprestigiar a República. Isso é afundar a República. E o mais revoltante é vir depois acusar os adversários dos mesmos processos... porque foram levantar patranhas a um "Zé Qualquer"!

Que imbecis! Que parvos! E são estas bestas que proclamam ser advogadas intemeratas da idéa republicana!

Vós sois simplesmente politiquieiros, e nada mais. E nada mais.

Mas descansai que a República ha de deixar de ser mãe de madraços! Há de chegar a ter juízo. E depois... fugi vendilhões duma Idéa sacrosanta, bela, mas tão infelizmente servida.

Fugi, porque o látigo marcar-vos-á na frente os vergões porque se distinguem os traidores!

Ser republicano disse já o meu amigo José Malheiro neste jornal, é possuir uma alta consciência cívica.

E tem razão.

Demócrito.

V E M C A . . .

não tenhas medo, vem contar-me
o teu segrêdo, qual
o produto da tua vil traição . . .

A impagável Angela vestida de rameira e o inimitável Augusto Rosa (se nos fosse possível reincarnar-lhes o espírito tão fértil, tão criador) dar-nos-iam hoje, à apagada luz da ribalta os verdadeiros prototipos do chulo do Bairro Alto e da rameira de avental encarnado da Travessa do Capelão, no batidíssimo fado do ciúme!

E as memórias desses ilustres trabalhadores do Teatro Português de maior auréola se envolveriam nestes tristíssimos tempos em que o valôr do Homem se retrai (não para os caracteres de alta complexão moral) ante as insídias dos energúmenos que não sabem bater-se adentro do campo amplo da Imprensa, com fidalguia, munidos da sátira, lutando com conhecimento de causa, bagagem literária ao lado, que é o carro das nossas munições. . .

Como seria agradável ao nosso espírito assistirmos a uma póstuma exibição de Angela Pinto e de Augusto Rosa! . . .

Mas. . . já lá vão essas lídicas glórias do Teatro Português! Hoje, nesta penúria única de arte e literatura temos-nos de contentar com os. . . «Fados de Ciúme» que nos cantam num paupérrimo timbre de voz os paralogistas dos jornalecos que a ignorância de algumas dezenas de assinantes (e a alguns deles as dádivas dos patrões a quem sacrificaram a sua independência) alimenta. E viva. . . o velho! Não havendo melhor, temo-nos de contentar com o que há.

Há excepções. Mas aqueles outros jornais que estão fóra do alcance do nosso pensamento, por si só, pela linguagem que usam, pelo tratamento que dão ao idioma português, não precisam de ser citados, estão altos de mais para os rebaixarmos ao monturo que lá no fundo da ignominiosa vala empesta o fedorento ar miasmático em que os nossos visados jornalecos se consomem e consomem os seus imbecis leitores.

Não temos, pois, nada que destrinçar: — o que é porcaria vai para o estêreo com o dono do curral. O que é bom está onde está, e está muito bem.

Por exemplo: — pode-se lá acamaradar um jornal escrito em bom português com um papel-borrado em que se confundem as significações dos vocábulos roubados ao ingénuo dicionário, em que um rapazinho qualquer saído da Escola dos nossos amigos Ribau ou Pinto Júnior, topa ao primeiro golpe de vista, com orações gramaticais discordantes, com um «sujeito» no singular quando o desgraçado do verbo está a ladrar no plural!?

Isto é uma infâmia. Não há direito dum besta escoicear assim a língua dos nossos avós.

Não há o direito dum alfabeto ludibriar o povo marrando como um boi desorelhado no fofoso corpo linguístico que Padre António Vieira, S. de Miranda, A. Herculano, Camões, Camilo e tantos outros ergueram à consideração dos estranhos, a ponto do grande catedrático Unamuno preferir estas para nós honrosas palavras, a quando a entrevista que concedeu ao nosso camarada Belo Redondo: «Pode-se lá traduzir Fialho, Eça ou Camilo sem roubarmos à expressão tão genuinamente vossa o quê inimitável da língua portuguesa?»

Não há o direito.

Não há o direito.

Não há o direito.

Não há o direito.

Não há o direito.

Por conseguinte nada temos que destrinçar. Está tudo destrinçado.

O bom a um lado. O mau a outro. Os imbecis para a chacota. Os jornalistas de facto para o campo da seriedade. E é a estes e só a estes que nos vamos dirigir. A escória o que quer é arranjar uns patacos para viver sem trabalhar. Para esses um bocadinho de m. . . embulhada em papel é o muito que lhe podemos oferecer. Um bocadinho de estrume para a sua mangedoura. . .

Ora pois. É como vos ia contando, camarada lá do outro lado, a quem endereçamos estas mal alinhavadas regras. A vossa prosa não está fóra da lógica. . . gramatical. Ora vamos a vêr se peca por outro defeito.

Já tivemos ocasião de dizer-vos que, para nós, não valem remoques dúbios e insidiosos. No vosso penúltimo número o sr. Vouga convidava-nos a juntar os nossos esforços aos seus, no sentido de conseguirmos que a entidade competente mandasse proceder ao estudo duma fantástica estrada através os campos, ilhas, insulas e o diabo a sete, que ligasse esta terra à Torreira para s. ex.^a passear de sombrinha aberta, na época das grandes diarréas.

E nós fomos logo a correr, advertir o sr. Vouga que não perdesse tempo com essas *lois*, pois tornar-se-ia muito mais útil ao povo desta região, se viesse para o nosso campo, clamar por que fôsse feita justiça à petição da Comissão Administrativa de Cacia na qual esta entidade justifica a urgência das obras de irrigação nos nossos campos.

O sr. Vouga não nos ouviu, e ficou-se lá na «sua» a julgar que o tomámos por pomba inocente, toda entregue aos seus devaneios, presa aos encantos do arrulho do pombo galanteador. . .

Está redondamente enganada minha pombinha dóce.

Tomamo-la sim por pomba, mas pomba velha, mãeira que dos «flirts» inocentes já perdera o geito, a «chance». Não nos enganamos. . . quando a vimos adejar por estes sítios.

Pois se ninguém a chamou cá, encantadora pomba, para que foi e por que foi que bicaste no nosso beiral?

A ingratidão das pombas. . .

Mas, vá-lá, deixa os teus arrufos junto do teu pombo arrulhador e não sejas rosquedeira, porque nós não te seguimos. . .

Já não és uma candida pombinha que mórta pelos seus *amôres*. . . Tu hoje não «dás ponto sem nó. . .» Esses teus olhitos vivazes denunciam muita manha, muita mentira. E's uma pomba muito plumada, de papinho redondo, biquinho encarnado, amaneirada e se'nhoril. . . mas o teu coração, que maroto!, suja a alvura da tua plumagem.

Eis tudo porque não acredito na tua inocência.

E eis também porque te advirto que era melhor estares muito socegadinha no teu pombo!

Querias gozar um espectáculo de borla? Estás pior da pata, minha pomba marôta. . .

Has-de dizer lá para com as tuas macias penas que somos um razoável psicólogo.

Pois então, juisinho e cabeça fresca. . .

Bem sabes que conhecemos

Um soneto de Bocage

Liberdade querida e suspirada,
que o despotismo acérrimo condena,
Liberdade, a meus olhos mais serena
que o sereno clarão da madrugada,

atende á minha voz que geme e brada
por ver-te, por gozar-te a face amena;
Liberdade gentil, desterra a pena
em que esta alma infeliz jaz sepultada!

Vem ó deusa imortal, vem maravilha,
vem, ó consolação da Humanidade,
cujo semblante mais que astros brilha

Vem, solta-me o grilhão da adversidade,
dos céus descendo, pois dos céus és filha,
mãe dos prazeres, doce Liberdade!

Instrução

Como noticiamos no último número o dig.^{mo} prof. da Escola de Sarrazola, sr. A. Pinto Junior, levou a exame da 4.^a Classe, 11 alunos que obtiveram as seguintes classificações:

Distinto

Bartolomeu da Costa Valente Conde.

Bem

Antonio Manuel Marques Pardinha, António Pereira de Melo, António Manuel Sanhudo, António Rodrigues Neto, António Simões de Moura e Silva, Joaquim Simões Dias, José Maria Soares da Costa.

Ao sr. A. Pinto Júnior os nossos parabéns pela distinção que um dos seus alunos obteve assim como à respeitável família do laureado escolar.

Manuel da Costa Pinto

Faleceu no dia 24, pelas 14 horas, na sua residência em Aveiro, o nosso amigo sr. Manuel da Costa Pinto, guarda cívico, de 27 anos.

O extinto era um belo carácter e um excelente chefe de família. Era irmão do nosso presado colaborador s. Antonio da Costa Pinto.

E' mais uma vítima da tuberculose.

O funeral realiza-se hoje. A toda a família o nosso cartão de pêsames.

CASAMENTO

Deve realizar-se nos princípios do próximo mês o enlace matrimonial da menina Crisanta filha do sr. José Marques Baptista, grande industrial de panificação na Mala Posta, com o sr. António Marques Rodrigues filho do sr. José Marques Rodrigues, proprietário, de Sarrazola.

PADARIA

Trespasa-se uma bem situada. Cosedura 90 quilos de farinha em pão pequeno, e 30 quilos de borôa. Motivo desavença na sociedade.

Para tratar na mesma.
RUA DO GRAVITO
AVEIRO

os teus intuitos. Nunca depreciámos a tua obra, pelo contrário exaltámo-la, e exultamos com as tuas conquistas e com os teus triunfos.

Não tivemos nunca necessidade de dizer mal do visinho para ficarmos só em campo.

A canalha também ha de viver, na pior das hipóteses. . .

E, porque pugnamos por um Ideal de Justiça, do que todos os nossos leitores são testemunhas, estamos muito acima dos miseráveis interesses da tropa indígena. Estamos num outro plano, plano que não está ao alcance da babujem dos cães raivosos.

Antodote.

A Espanha

Em toda a Espanha, mórmente nas Vascongadas e Andaluzia, operários e camponeses lutam denodadamente por imprimir à jôven república uma feição comunista. Angelo Pestana como homem de acção e o dr. Vallina como um grande intelectual, têm revolucionado ancestralmente as massas populares que têm feito vergar o exército. A artilharia e a aviação têm destruído algumas casas em Sevilha.

Com a promessa da publicação imediata da Lei Agrária, o governo tentou evitar esta *débacle*. Falharam estes propósitos reconciliadores.

O movimento alastra. Os últimos informes recebidos de Espanha dizem-nos que a efervescência popular atingiu um tal estado que qualquer força já não poderá acalmar.

A ALMANHA

AS SETE POTENCIAS

Após a reunião em Londres dos delegados das sete potências, a situação financeira na Alemanha parece tomar um aspecto mais sadio. Como a França e Inglaterra têm pontos de vista diferentes o acôrdo a que se chegou nada adianta. Foi um pretexto para se encerrar os trabalhos da conferência.

No entanto, os bancos estrangeiros que estavam negociando com a Alemanha créditos a curto prazo voltarão a fazê-lo e a confiança financeira renascerá. O comité que vai ser nomeado é que ha de estudar as causas da crise e a forma mais radical de a resolver.

Agora cabe a vês à Inglaterra: — a sua querida libra iniciou uma dansa macabra. Os bancos elevaram a taxa do desconto.

O Oficial no Sertão de Angola

(Conferência realisada em Viseu pelo capitão sr. Celestino Baptista da Silva)

(Continuação do n.º 46)

prescrevendo limites incompletos pelo interior de Angola, deixava antever a ligação em Moçambique.

Porém, nenhum daqueles nossos esforços contra-balançou a simples viagem daquele antigo repórter do «New York Herald» e a viagem de Brazza à bacia do Zaire, pois que a criação do Estado Livre do Congo, «essa espécie de quadrilha internacional de flibusteiros» com o rei Leopoldo da Bélgica à cabeça», como diz Bazílio Teles, no seu livro do «Ultimatum ao 31 de Janeiro», e a sanha ambiciosa desenvolvida à volta da célebre conferência do ano seguinte, «vieram — como ainda cita Santos e Silva, — destruir os privilégios da primasia da descoberta e da conquista que nos outorgaram direitos de Soberania, não nos permitindo que caminhássemos livremente através de Africa como nós havíamos sonhado».

Por outro lado os direitos de Portugal sobre a parte da actual Rodésia e Carotze, no *interland* que liga Angola a Moçambique, fundados nas Explorações e Tratados de vassalagem efectuados pelos exploradores Serpa Pinto e Henrique de Carvalho, não previstos e desprezados pela famosa Conferência de Berlim de 1885 e não reconhecidos pela Inglaterra, à sombra dos quais se fez integralmente a ocupação dos territórios do Chire sofreram o golpe mortal do iníquo e ultrajante «ultimatum» de Novembro de 1890, com que esta potência, nossa amiga e aliada, nos *mimoseou*, pela força dos artigos 34.º e 35.º do Acto Final daquela Conferência, com absoluto desprezo pela mediação que nos competia reclamar perante as outras nações europeias signatárias, — *ultimatum* que veio patentear à evidência dos factos e a todo o mundo, não uma «ilusória protecção» por parte dos portugueses aos seus diminutos súbditos aventureiros do Niassa, mas sim a iucomensurável cobiça baítânica sobre tão vasta e rica região (1).

Então a província de Angola, mercê desse desastroso incidente e pelas clausulas daquela conferência, vê-se ante o fantasma da efémera Associação Internacional, delegada da Província de Moçambique, e reduzida por leste aos actuais limites de coordenadas geográficas e aos cursos de Luando e Cassai, limites que nos fizeram perder em beneficio do actual Congo Belga uma grande parte das vastas terras do potentado Muata-Ianvua, rica região diamantífera, sobre a qual os nossos direitos de soberania eram evidentes e incontestáveis.

Nesta altura Angola perde o título de possessão e passa administrativamente ser colónia, embora a colonização europeia não pudesse ainda, ao tempo, justificar por precária tal designação.

(1) Pelo que diz respeito à usurpação da Machonolandia, a revista *Cristmas*, do ano de 1917, publicada na Africa do Sul, portuiga o aprisionamento, pelos ingleses, de uma força portuguesa que, em data anterior aproximada do *Ultimatum*, procedia às negociações de um tratado de vassalagem com o potentado Machona, até então conside-

(Continua no próximo número)

NOTICIAS DA NOSSA TERRA

Angeja e o seu marquesado

Tudo quanto vou narrar aos nossos queridos leitores, mas em especial nos angejenses deve ser lido com a máxima atenção para melhor ficarem ao facto do que foi Angeja e o seu marquesado.

D. António de Noronha, 3.º Conde de Vila Verde e 2.º marquês de Angeja, comendador de Santa Marta de Alvarenga, na Ordem de Cristo.

Nasceu a 24 de outubro de 1680, falecendo em Viana do Castelo a 18 de Julho de 1735. Era filho do 1.º Marquês de Angeja e 2.º Conde de Vila Verde D. Pedro António de Noronha, e de sua mulher D. Izabel Maria Antónia de Mendonça. Succedeu na casa de seu pai e foi senhor de Angeja e de todos os mais estados que ele possuía; serviu na guerra contra Castela, e depois de ocupar vários postos foi mestre de campo general dos exércitos e do conselho de guerra; teve o governo das armas da provincia do Minho desde Janeiro da 1716 até à data do seu falecimento.

Casou a 28 de Fevereiro de 1713, com D. Luiza Josefa de Menezes, filha de João Gomes da Silva, 4.º Conde de Tarouca e da Condessa D. Joana Rosa de Menezes.

D. Caetano Gaspar de Almeida Noronha Portugal Camões Albuquerque Moniz e Souza, 8.º Marquês do Angeja.

Era o 3.º Conde de Peniche em verificação de vida concedida no mesmo título por decreto de 9 de Março de 1824, em remuneração dos serviços de seu pai e dos de sua tia D. Tereza de Almeida Noronha que foi dama da rainha D. Carlota Joaquina, cedidos pelo pai desta senhora e seu herdeiro o 1.º Conde de Peniche, D. Caetano de Noronha, por termo datado de 28 de Fevereiro de 1824.

Par do Reino por sucessão a seu avô, o 6.º Marquês de Angeja, de que prestou juramento tomou posse na respectiva câmara a 18 de Julho de 1853, onde também, durante onze anos foi secretário. Seu avô fora feito par do reino por D. Pedro IV por carta regia de 30 de Abril de 1826, de que tomou posse.

(Compil. de Capela)

De Taboeira

Como este jornal largamente anunciou, realizam-se no sabado, domingo e segunda-feira, grandiosos festejos em honra da nossa Santa Padroeira no uosso pitoresco lugar de Taboeira, que vai tomando já um ar festivo afluindo de todos os pontos do país onde se encontram conferraneos nossos a passarem estes três dias de festa no seio das suas familias.

O sr. Bastos, juíz das festas tem trabalhado a valer para que as festas revistam grande brilhantismo. Por isso o felicitamos.

— O tempo tem corrido razoável conquanto por vezes tenha feito um calor excessivo.

— O nosso amigo sr. Manuel Marques Nogueira tem ido melhor dos seus padecimentos.

Folgamos com a noticia.

De Angeja

Lúgubre quadro— Acompanhado de sua esposa e filhos chegou ha dias da América o nosso presado amigo sr. Augusto Martins de Azevedo que ao entrar em casa deparou com um triste quadro: — a sua mãe tinha falecido há horas.

A dôr do nosso amigo é das que são intraduzíveis. Quaisquer palavras que lhe dirigissemos no sentido de lhe suavisar a amargura porque passa resultariam inúteis. Por isso limitamo-nos a lamentar a triste ocorrência.

O funeral da dedicada mãe do sr. Augusto Martins de Azevedo, sr.ª Joana Nunes Rodrigues, falecida em 16 do corrente, constituiu uma verdadeira manifestação de pesar.

Encorporaram-se no préstito as três Irmandades, do Santíssimo, Senhora das Neves e Coação de Jesús, e Banda Angejense. Houve officios de corpo presente.

Tratou do funeral a Agência Capela.

A toda a familia enlutada e

em especial a seus filhos nossos amigos srs. Arménio e Augusto Martins de Azevedo o nosso cartão de pêsames.

— Também faleceu há dias, o sr. José Nogueira Reis, solteiro, de 32 anos, vitimado pela terrível tuberculose.

Chegadas e partidas — Para as Caldas de Moledo seguiu a viuva do sr. Marcelino Pinho.

— De S. Pedro do Sul, regressou o sr. António Oliveira Santos.

— Para ali seguiu há dias a sr.ª Evangelina Assis, acompanhada de seu filho Joaquim.

— Do Gerez regressou o sr. Américo Souto.

— De Lisboa o sr. Aires de Pinho, acompanhado de sua esposa.

— Da mesma cidade o sr. João Batista, esposa e filhos.

— Também regressou dali o sr. João Nogueira da Silva.

— De Lourenço Marques regressou o sr. Eugenio Rodrigues Routo.

— Bastante doente, regressou de Manaus o sr. Domingos da Silva Pinho.

Estimamos as melhoras.

De Eixo

LUZ ELECTRICA— Precisamos de ser ouvidos. E' necessário que a luz eléctrica venha iluminar as ruas da nossa vila. Temos de sair da apatia criminosa em que temos deixado adormecer as energias do nosso povo. E' preciso impormos a nossa vontade, clamarmos bem alto pelas nossas aspirações que de há muito deviam constituir lindas realidades.

E' preciso enfeixarmos as nossas fortes vontades, constituindo um bloco uno e indestrutível.

A luz electrica permanece à cabeça do rol das nossas aspirações. E' uma necessidade absoluta que não podemos protelar, e da C. M. esperamos. . . o remédio.

O prometido é devido.

E o presidente da C. M nunca fala, senão às vezes...

M. S.

De Mataduchos - Alumieira

Um inocente forasteiro recebido pelas mulheres à... pedrada — Como noticiamos no último número, apaeceram há dias no sitio dos «5 caminhos» a uma senhora casada, uns bandoleiros que pretenderam violentá-la.

Por tal facto, entre as mulheres desta região reina um justificado alvoroço, não querendo nenhuma delas atravessar o sertão (pois só num sertão um caso destes se pode dar).

Ora, caros leitores, quiz o acaso que um pacato componente do nosso sexo tivesse há dias de vir da sua terra (Sá, Aveiro) a Mataduchos. O homenzinho veio, muito longe de pensar nos milhares de garotos que andam para aí a enlamear o género humano com as suas acções vis e porcas, por esses caminhos fóra, fazendo muito pachorrotamente a digestão do almoço, quando, chegado a Alumieira, defronte da viela da Raposa, sentiu a imperiosa necessidade de evacuar...

Momentos passados levantasse uma algazarra dos diabos e um grande grupo de mulheres cerca o homenzinho ameaçando-o e bradando:

«— Fóra! Fóra com o bandoleiro que persegue as mulheres! Fóra! Fóra! Já que os homens se não mexem, mexem-se as mulheres... Não o queremos cá! não entra cá!...»

E a algazarra foi tomando tais proporções, que, o pobre do homem se viu forçado a, numa destas tristíssimas situações, ter de dar «às de vila Diogo», implorando clemencia ao sexo fraco, que irado, não o deixava de perseguir, não atendendo às súplicas desesperadas do homenzinho que não sabia se havia de acudir às calças que lhe fugiam das mãos, se se devia entregar de alma e coração à célebre corrida da «Maratona».

O que é certo é que ele teve de desaparecer, porque não o deixavam em paz...

Uma nova música — Temos informações de que nos Arneiros está formada uma sociedade de Jazz-band. É pena que o amavel e gentil grupo, não se estenda... ao Largo das Duas Igrejas, pois é natural que ali para aqueles lados encontrasse algum instrumento... de pancada que podesse compartilhar na mesma banda!...

Estadas e partidas—Vindo de Coimbra esteve há dias nesta, acompanhado de dois amigos o sr. Manuel Maia.

— Da mesma cidade também regressaram a esta, acompanhados de sua esposa e filhinhos o sr. José de Castro.

— Também se encontra entre nós o sr. António Lopes.

Exames — Apresentados pela Ex.ª professora D. Madalena de Jesus Figueiredo foram a exame tendo ficado aprovados os seguintes alunos:

Manuel Manuel Maria da Maia, Manuel Maria da Cunha, Rodrigo dos Santos Valente e Manuel Pereira de Carvalho.

Aniversários — Em 1 de Agosto faz 19 anos a gentil menina Angela Dias dos Santos, residente em Frossos.

— Em 2 a sr.ª D. Clara Gomes Gautier, residente em Lourosa, Vila da Feira.

— Em 5 o sr. António das Neves Palmela, de Extremoz.

As nossas felicitações.

O tempo — Tem estado um esôr formidável, sendo as noites muito orvalhosas.

C.

Núcleo de Defesa e Propaganda

DE

FERMENTELOS

Grandes festejos promovidos por esta agremiação no próxima dia

26 de Julho de 1931

A's 11 horas chegada dos hidro-aviões que amarão na nossa linda pateira. Em seguida sessão solene a que presidirá o Ex.º Sr. Governador Civil. Regatas na Pateira com prémios valiosos. Os festejos terão o concurso duma das melhores bandas do districto.

ECOS DA SOCIEDADE

VISITAS

Deram-nos a honra da sua estimada visita os nossos bons amigos srs. Jaime Dias Lima, Manuel Nogueira da Silva, Manuel Bombeiro, Manuel Maria Fernandes, Manuel Fernandes de Matos, Carlos Gouveia da Cunha, António Marques Batista e Aristides Arlindo Pereira da Silva.

Os nossos agradecimentos.

PARTIDAS

Com destino a Lisboa, retirou-se no domingo o nosso bom amigo e assinante, sr. Joaquim Rodrigues Miranda, acompanhado de sua esposa.

— Para as Caldas da Rainha também se retirou ha dias o nosso amigo, sr. Francisco Rodrigues Neto.

CHEGADAS

Vindo de Lisboa encontra-se em Cacia por algum tempo o nosso amigo sr. José Santiago.

— Na Póvoa do Paço, também se encontra há semanas o nosso amigo e assinante sr. António Marques Batista que regressou do Brazil onde se encontrava há 4 anos.

Obrigado pelas boas palavras que dirigiu a este jornal.

— Encontra-se na Quintã,

vindo de Lisboa, o nosso amigo e assinante sr. José Joaquim Rodrigues Leite.

— Vindo da Golegã encontra-se em Cacia, o nosso assinante e amigo, sr. António Simões de Pinho acompanhado de sua esposa.

DELIVRANCE

Teve a sua felis delivrance no dia 21 a esposa do sr. António Ferreira, serrador, da Quintã, consorciada há mezes, como noticiamos.

Mãe e filho encontram-se bem ainda que este tivesse nascido antes do tempo.

Os nossos parabens ao felis pai.

Velhos preconceitos

Há dias, desdobrando um jornal duma aldeia destas redondezas deparamos com uma noticia que vinha pôr de sobreaviso a população em face de ter chegado de Africa um condenado que ali estivera a cumprir uma pena imposta pela Justiça, pena que cumprira integralmente.

Ficamos atónitos ante um procedimento tão desumano, e dissemos cá para os nossos botões:

«Este homenzinho depois de ter cumprido a pena a que o condenaram não poderá viver honradamente, trabalhando, fazendo por se tornar útil a si e à sociedade!? Ou querem pri ar o homem de trabalhar, e por

consequente obrigarem-no a robar!?

Nestes casos o que é que o homem ha de fazer a sua vida?

Atenção!

Todos os anos, por este tempo, os maus pescadores espalham cóca nos sitios da Samouqueira onde o peixe aflue em maiores quantidades.

É necessário perseguir essa gente, denunciando-a, pois que além dum tal acto constituir uma autêntica barbaridade pode trazer graves consequências para a saúde pública.

Reminiscências...

Avila, Anibal e eu...

Remexendo o brazido de meu lar, Na santa placidez dum ermitano, Passei as noites longas deste ano Na distante mocidade a pensar.

Quadros alegres e coloridos Passaram me pela mente estafada Ditos jocosos da rapaziada Feriram-me os timpanos do ouvido.

E pela vista passou-me fugaz, Neste evocar tão saudoso e amigo, A cara dum meu muito conhecido, Dum bom camarada, dum bom rapaz.

Os dois longe do mundo mau Estrafçados na areia do Seixal Co' o Avila — coração ideal! — A comermos pasteis de bacalhau.

Servia à boa mesa posta no chão Uma «Sopeira» linda mas sequinha, Donaírosa e por amores mortinha, Qu' ao «seu» Anibal dera o coração.

SSSS.

GERTRUDES.

DENTISTA

Tratamento das doenças de bôca e dentes. Operações sem dôr por anestesia.

Consultorio:

Farmácia Souza -- Estarreja

AGENCIA COSTA ESTARREJA

Fornecer passagens para os vapores:

Presidente Harding
Leviathnn
Presidente Roosevelt
George Washington
Republic

da **United States Line.**

SAÍDAS REGULARES DE LISBOA PARA OS PORTOS DA AMÉRICA DO NORTE

Vende passagens e solicita passaportes para todos os países

Prontidão, Seriedade e Economia

Fábrica de pirolitos, gazosas e laranjadas. Grande depósito de licôres e vinhos finos. Depositários da cerveja «Portugália». Torrefação e moagem de cafés a vapor

A INDUSTRIAL
de Manuel Tavares de Souza & F.^o
Rua de Sá AVEIRO

Há de tudo!

Alcatruzes para engenhos, enxofradeiras, reparações, e pulverizadores, bacias, banheiras, canalizações, etc., etc.

Vestidos para anjos e comunhão

Antonio Simões Pinto — Angeja

Restaurant Floresta

Este modesto restaurant tem por divisa bem servir os seus estimados clientes. E' o que mais barato vende.

Recomenda-se pelos bons vinhos brancos e tintos

E' o que apresenta sempre o melhor e mais variado peixe, e a esplêndida CALDEIRADA

«A Ginginha de Lisboa» também aqui se vende sendo por excellência um aperitivo estomacal e o maior reagente contra a gripe

JOAQUIM SIMÕES BIRRENTO

LARGO DA ESTAÇÃO

AVEIRO

Expediente

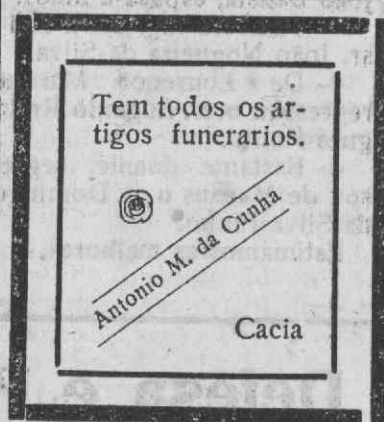
Informamos os nossos estimados assinantes que a cobrança feita pelo correio acresce 1\$00.

Por esse motivo torna-se mais económico para o assinante mandar satisfazer a importância das suas assinaturas.

Na TIPOGRAFIA CACIENSE executam-se todos os trabalhos concernentes a Arte Gráfica.

Padarias

TRESPASSAM-SE 3 padarias, juntas ou separadas, na Figueira da Foz. Quem pretender fale com Teixeira & C.^a



Preço dos géneros

Milho b. nacional (20,l)	9\$00
Trigo	30\$00
Centeio	17\$00
Feijão branco	14\$00
Feijão amarelo	13\$00
" mistura	9\$00
" laranja	15\$00
" frade	9\$00
Ovos (duzia)	2\$70

VENDE-SE lenhas e taras por vagon.

Falar com o Mexi, empregado do sr.

Manuel Tavares de Souza

Fabrica de Referigerantes

Rua de Sá

Aveiro

Perdeu-se

entre Aveiro, Paço e Alquerubim, um disco pneu 14x45 e camara d'ar.

Quem o encontrar recobrá de alviçaras 100\$00 se o entregar ao seu proprietário

MANUEL MENDES LEAL

Aveiro

VERMIFUGO LAXATIVO LUSITANO

Este medicamento absolutamente inofensivo, quer em creanças, mesmo de tenra idade, quer em adultos, é d'um efeito seguro e rapido na expulsão destes vermes intestinaes, bem como na destruição dos germens que os reproduzem.

Preparador e depositário
FARMACIA LUSITANA
Cacia

Manoel Correia Vidinha

COM

Fazendas de lã e algodão—Chales de merino e sêda—Miudezas e louças de todas as qualidades—Sapatos e chinelas.

Fabrica de louça vermelha, beirais, tijolos, manilhas, etc.

Praça da Republica (em frente ao chafariz—Angeja

FARMÁCIA ALVES

Angeja

Especialidades farmaceuticas nacionais estrangeiras. Grande quantidade de produtos quimicos, tanto nacionais como estrangeiros drogas de toda a especie e principais accessorios.

Execução rapida e perfeita em todo o receituário.

Agência funerária

= DE =

Guilherme Dias Capela



Grande depósito de urnas de mógno e nogueira americana

Corôas, caixões de chumbo, cêra vestidos e mantos

Encarrega-se de funerais

PRAÇA DA REPÚBLICA
ANGEJA

FARMÁCIA LUSITANA DE ABÍLIO DE CARVALHO

ESPECIALIDADES nacionais e ESTRANGEIRAS

PRODUCTOS quimicos e FARMACEUTICOS

R. Conselheiro Nunes da Silva

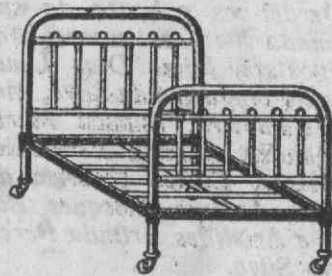
CACIA

Fábrica de Móveis de Ferro de Avanca

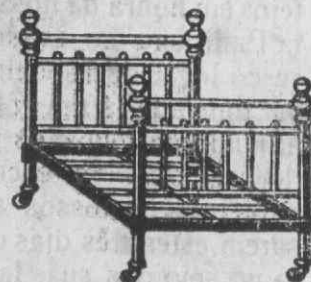
— DE —

Adelino Dias da Costa

A maior produção de móveis



Móveis de ferro em todos os géneros. Os melhores preços. A maior solidez e segurança em todos os artigos do nosso fabrico. Abastecemos os centros mais populosos.



Urnas funerárias

O depósito mais completo de urnas no districto, para todos os tamanhos, adultos e crianças, em talha, lisas e contra moldadas, só se encontram em Estarreja, na Casa

Adelino dos Santos Leitão

PREÇOS SEM COMPETENCIA